

2 p 1-2

O império do medo

JOSÉ SARNEY

16 JAN 1998

Roosevelt incluía entre as liberdades fundamentais “a liberdade contra o medo”, direito do indivíduo de viver em tranquilidade. Hoje o medo é a grande ameaça que pesa sobre o Estado nacional. Há algo de gigantesco e aterrador que mantém os países de baixo da incerteza. Pode ser Taiwan ou Hong Kong, Tailândia, Malásia, Cingapura, Coréia ou México. Ninguém foge ao domínio do receio.

Há um Estado mundial, gigantesco, criado pela globalização financeira, que retirou o poder dos estados nacionais, indefesos às investidas selvagens. Devastou o México, devasta a Ásia. Quem nos assegura que amanhã não chega aqui? Nada. Hong Kong é um exemplo de excelentes números macroeconômicos, mas nem por isso ficou imune. Uma conjugação de especuladores e fazedores de lucros, criados pela mundialização financeira, pode de uma hora para outra baixar como um raio em qualquer lugar.

O neoliberalismo, isto é, a livre circulação do capital sem fronteiras nem limitações, propiciou a insegurança coletiva. Como exemplo de como esse sistema possibilitou a acumulação de fortunas, com gigantescos lucros, basta atentar para os números da revista “Forbes” sobre os bilionários do mundo. Em 1982, eram 13. Em 1996, são 149, acumulando uma riqueza superior ao produto interno bruto dos países pobres, onde vivem 56% da humanidade! Um modelo desse não é moral nem digno e não pode existir. É contra as leis da natureza.

Para onde vão as somas aportadas de bilhões e bilhões pelas instituições como FMI e outras, destinadas a socorrer os países vítimas da crise? Para o estuário dos que atacam as moedas nacionais e as Bolsas de Valores.

Não adiantam palavras para tranquilizar. O Brasil entrou de corpo aberto na abertura selvagem, foi na onda. Agora sofre os riscos de sua decisão. Entramos no clube do medo. E será que estamos preparados para enfrentar as consequências? Devemos estar preparados para o bem e para o mal, porque o perigo vem de fora.

Para avaliar como as previsões não servem para nada, recordemos que a reunião do FMI de 1997, com a presença de todos os ministros das finanças do mundo inteiro, foi feita em Hong Kong. O que se disse: “Facilitar a canalização dos fluxos de capital, porque os movimentos de capital aumentam o crescimento e a prosperidade”. Exemplo: a Ásia, “a região mais dinâmica do planeta” (“Le Monde”, 1997). E o que se dizia dos Tigres? Indonésia: “Uma das regiões mais atrativas da Ásia” (“Les Echos”, 30/7/97); Tailândia: “Um eldorado”; Filipinas: “Grande fronteira aberta ao capital estrangeiro” (“Le Figaro”, 2/6/97); Malásia: “Nenhum risco, retorno dos investimentos à taxa de 25% ao ano, recuperação em quatro. A menina querida dos investimentos” (“Economic Review”, 27/4/95). E assim por diante. Essas previsões são tão recentes que mostram que ninguém pode mais acreditar nelas nem viver sem medo.

O Brasil deve tomar suas vacinas. Eu serei o último dos brasileiros a querer o caos e a recusar-me a apoiar as medidas contra qualquer crise. O ministro Malan lembrou, aplicando ao “mundo” aquilo que Guimarães Rosa dizia: “Viver é muito perigoso”.

Ásia “jacta est”.